

DEPOSITO LEGAL

# MARIA RITA



SEMANARIO

HYMORISTICO

Directão Literária de

ARNALDO LEITE  
CARVALHO BARBOZA  
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção

OCTAVIO SÉRGIO

OCTAVIO  
SÉRGIO, 113

## Ainda a Semana do Livro

Uma edição esgotada



Foi ontem visto nas ruas da cidade um homem honrado.  
O facto, muito comentado, provocou os risos da multidão.

Propriedade da Empresa do Magazine "Civilização" L.ª

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano . . . . . 45\$00  
Semestre . . . . . 24\$00

Colónias

Ano . . . . . 50\$00  
Registado . . . . . 70\$00

Estrangeiro

Ano . . . . . 60\$00  
Registado . . . . . 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

## A ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

É para o POVO a garantia de que  
bebe bons VINHOS e baratos!!!

Tem actualmente espalhadas no Pôrto, na Foz e em Matozinhos

### 14 ADEGAS:

Rua do Bomjardim, 361-363 (Esq. da Trav. de Liceiras). Telef. 5617.  
Rua das Fontainhas, 193-195.

Rua do Teatro de S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila).

Rua de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristovam). Te'ef. 5802.

Rua da Constituição, 1395.

Rua de S. Roque da Lameira, 2785.

Avenida Fernão de Magalhães, 53-55. Telef. 2484.

Largo Campo Martires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordearia).

Largo Maternidade Julio Diniz, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno).

Travessa da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores). Telef. 905.

Rua Anselmo Braancamp, 633.

Largo de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7.

**Na FOZ** — Rua Senhora da Luz, 238-242. Te'ef. 314 — FOZ.

**Em MATOZINHOS** — Rua Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da  
da Avenida Serpa Pinto). Telef. 275 — MATOZINHOS.

Comprar vinhos na ADEGA IDEAL DO LAVRADOR  
é economizar e conservar a saúde!!!

Vinhos velhos do Pôrto, genuínos,  
a preços que todos podem comprar!

A marca de combate AIDINHA  
de vinho autêntico velho do Porto!

## A MARIA RITA

é para os espíritos

o que a

### OSFIODOGLICINA

é para as crianças

**m formidável tónico**



Teleg.: ADEU PORTO  
GAIA

PBX 33 PORTO  
Telef.: 133 Matozinhos

## Amadeu Martins Pinto

— ESCRITÓRIOS: —

Rua General Torres, 1  
VILA NOVA DE GAIA  
(Portugal)

Prová-los é  
preferi-los  
sempre

VINHOS  
AMADEU

Sabor  
Aroma  
Pureza



RÁDIO

TELEFONIA

V. Ex.ª está comprador de um receptor ou de qualquer  
acessório para T. S. F.?

Recomendamos-lhe, no seu próprio interesse, não tome  
qualquer resolução sem visitar a CASA FORTE, o maior  
depósito de artigos de Rádio.

As primeiras marcas americanas e europeias estão ao  
dispor de V. Ex.ª aos melhores preços do mercado.

## CASA FORTE

SÉDE — Rua Sá da Bandeira, 281

FILIAL — Rua Santa Catarina, 20

PORTO — Telefone 4111



# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

Os «gangsters» dos Estados-Unidos, depois de se terem dedicado aos raptos de crianças, passaram a raptar escritores e mulheres. É certo que tanto estas como aqueles não passam de crianças grandes. Sem embargo, a opinião pública mostra-se apavorada desde que desapareceu um romancista célebre e correu o boato de ter sido sequestrada a não menos célebre romancista Anita Loos, autora da decantada novela *Os homens preferem as loiras*.

Final, esta última notícia não era verdadeira. O rumor de haver desaparecido a audaz prosadora tinha sido originado pelo facto de ela ter iodado tanto o rosto e as regiões epidérmicas libertas de vestuário, que ficou quasi preta, tornando-se irreconhecível. Mas os jornalistas são *detectives* soberbos, e conseguiram descobrir a formosa escritora sob aquele baekiano verniz. Interrogada acêrca do motivo que a levava a mascarar-se de tão insólita maneira, Anita Loos respondeu:

— É certo que os homens preferem as loiras; mas só casam com as morenas.

E na sua ânsia de ser morena, bronzeara-se de forma a parecer uma senegalesa.

Por onde se prova que as mulheres não conhecem o meio termo.

Pegará a moda, em Pórtugal, dos raptos dos escritores e do enegrecimento das escritoras? Andarão os primeiros cheios de medo, e já os *boudoirs* das segundas transbordarão de tintura de iodo e pós de sapatos?

No intuito de responder a estas interrogações, fiz trabalhar o telefone. Eis as entrevistas à *la minute* que consegui:

— Foz, 135... Quem fala?

— Antero de Figueiredo.

— Desejava o favor de me dizer se leu a notícia de ter sido raptado um escritor norte-americano.

— Li, sim senhor.

— E não receia que aconteça o mesmo em Portugal?

— A mim, não. Já dobrei o cabo dos sessenta. Quem passou perto de dois meses em Toledo, terra de mulheres formosas, ardentes e de faca na liga, e voltou incólume a Portugal, de nada tem que arrecear-se.

— Então aquela deslumbrante mulher que viajou consigo no regresso e a quem o meu amigo se refere no último capítulo do seu livro?

— Pura fantasia. Inventei-a eu, para obter efeitos literários. Não, meu amigo: por esse lado, vivo absolutamente tranqüilo.

— O sr. João Grave está?

— É' ele mesmo quem fala.

— Diga-me: tem receio de que o raptem?

— Absolutamente nenhum. Lembro-lhe que tenho a barba toda branca. Raptos, nesta idade, só os da inspiração. O único, cá na Biblioteca, que corre perigo, por estar ainda uma beleza de rapaz, é o Joaquim Costa.

— Fala o sr. Júlio Brândão? Desejava dever-lhe o obséquio de me dizer se acredita na possibilidade de o raptarem.

— A mim? Ninguém cai nessa. De resto, tomara eu que alguém me fizesse esse favor. Este Museu Municipal é uma geleira, onde até os quadros contraem o reumatismo, e eu sinto-me muito doente.

— Mas está gordo, cheio de boas côres...

— É' mais uma ironia da sorte. A verdade é que todo eu sou um compêndio de patologia. O meu rapto corresponderia a uma mudança de ares, de efeitos terapêuticos talvez decisivos. Mas já não há beneméritos neste país.

— Pois que Jove, o grande rausador, se lembre do meu amigo, e desça sobre a terra a 3.ª edição da *Nuvem de ouro*.

— Fala de casa da senhora D. Aurora Jardim Aranha? Ela está?

— Saiu, para o *Jornal de Notícias*.

— Fala do *Noticias*? Está a colaboradora illustre de *O meu cantinho*?

— Saiu, para a modista.

— A senhora D. Aurora, está?

— Saiu, para a manicura.

— Fala da manicura? Pretendia saber se está aí a senhora D. Aurora Aranha.

— Foi agora mesmo para a Confeitaria do Bolhão.

— Já teria chegado aí a senhora D. Aurora Jardim?

— Chegou há pouco. Tenha a bondade de esperar um segundo.

— Fala a D. Aurora?

— Exactamente... Quer saber a minha opinião acêrca da iodagem do rosto? Acho-a detestável. Nunca tal farei. Bem sei que há aranhas pretas. Mas são as mais venenosas. E eu, no respeitante a veneno, só o *quantum salis* que toda a mulher precisa de ter. Adoro a brancura. Nem há outras flores no meu jardim. Pois se até escrevi o *Romance Branco*...

— Mas está tomando chá preto.

— Com muitíssimo leite, e acompanhado de manjar branco. Já vê...

— A senhora D. Marta de Mesquita da Câmara?

— Sou eu.

— Que me diz da moda de ennegrecer o rosto?

— Simplesmente horrível. Nunca tal farei. Quem escreveu o *Arco-Iris* tem direito a usar todas as côres, menos o preto. Eu, besuntada de negro? Para me chamarem Marta de Mesquita da Câmara Escura!

— D. Amélia de Guimarães Vilar! Está disposta a iodar o rosto?

— Pelo amor de Deus! Que disparate! O que diriam, depois, as minhas amigas!

É' lícito concluir, de estes depoimentos, que nenhuma das duas modas pegará em Portugal. Raptado? Só se o fôr o sr. António Boto. Pintada de negro? Só um dia, por passageiro capricho, a senhora D. Beatriz Delgado.

Marcial JORDÃO.



# Rês-do-chão

## Balancete da semana

Espevitando o burgo adormecido,  
a Semana do Livro conseguiu.  
Cupido, rapazinho muito lido,  
os três beijos da praxe à mão pediu,  
e foi deambular  
sob o cavalicoque singular  
que serve de docel ao verso e prosa  
que ali se vende, a preço reduzido.  
Passou a Dona Rosa  
pendurada no braço do marido.  
E Cupido, — o maroto! —  
porque a matrona ali lhe deu no gôto,  
vai ao carcaz, dêle uma seta arranca,  
retesa o arco — e Dona Rosa fere!  
Logo a pobre mulher  
poetisas quer, desde a Florbela Espanca,  
Virgínia Vitorino  
à nossa Amélia Guimarães Vilar...  
O marido, coitado!, a disparar  
grunhidos de suíno,  
compra tudo. Mas vingá-se, acredita:  
Vai aos "Stands" da *Maria Rita*  
e *Civilização*,  
e, num riso infernal,  
enquanto a esposa o segue, olhos afritos,  
compra cem exemplares do *Tribunal*  
*dos pequenos delitos*...  
— "Atenta no meu gesto,  
"porventura funesto!"  
— diz êle — "Compras vates? Podes lê-los  
"e êsse teu coração voar, disperso  
"nos mais metrificadinhos pesadelos!  
"Dorme, tranqüila. Não te quero o verso!...  
"Prefiro a Prosa, em gargalhadas francas,  
"a tôdas as Espancas!  
"Julgo no *Tribunal* do Heitor, os meus  
"pecados, porque Deus,  
"num gesto paternal, correcto e brando,  
"vai perdoar-me, filha, podes crer  
"o delicto nefando  
"de te ter escolhido p'ra mulher!"

.....  
Continuam meninas p'los cafés  
vendendo bugiganga avariada,  
— aloirada melena, grandes pés,  
pronúncia estrangeirada.  
Levam pentes, boquilhas amarelas,  
lâminas, penas, várias bagatelas,  
na mala que no mármore repouza.  
Mas, como fujo, ao vê-las,  
... não sei se levam mais alguma coisa!...

.....  
Chapéu de chuva já. Logo, bengala.  
Hoje, um mimoso palha;  
amanhã pouca é tôda a metralha  
que o rude frio enxota e a carne embala...  
— E' fraca a vossa devoção, senhoras!  
A caminho do Inferno  
por vossa culpa, com certeza, vamos!  
Já não sabeis usar um livro de "Horas",  
— e o vosso olhar não chega ao Padre-Eterno  
quando no templo murmurais "laudamos!"...

## Nas Bocas do Mundo

### Na Rádio Pôrto

Sexta-feira passada, o simpático *speaker* daquela emissora, anunciou que tinham sido despachadas para Faro 30 *jaulas* contendo pombos correios.

E' natural que seja assim o termo em gíria columbófila; mas nós, que nunca passamos de borrachos, confessamos a nossa estranheza e fomos ao dicionário; e lá estava:

*Jaula* — lugar onde se prendem os animais ferozes.

Acto contínuo, a nossa imaginação começou a trabalhar, e as pombas, pegaram de aparecer-nos enormes, fauces escancaradas, os aguçados dentes a entremostrarem-se, e as formidáveis garras atravessando as grades fortíssimas num desejo de sangue e de carnificina.

As pombas *mariolas* então ninguém parava com elas e as jaulas eram reforçadas; quanto às de *ramela* ninguém as podia olhar de frente.

Sonho horrível, o que nós tivemos, depois de ouvirmos o pausado Laranjeira — não confundir com pau de laranjeira! Aumentado ainda por uma visita ao Palácio de Cristal, onde as mansíssimas feras, estavam metidas em gaiolas de arame doirado. Lá vimos o rei da selva, com o célebre olhar de pomba mansa, descansando numa gaiola de cristal e de ouro, e uns pacíficos tigres, com peitinhos de rôla, virem em bandos comer às mãos do dono, uns bagos doirados de romã.

Horrible pesadelo.

E depois disto, diz-me tu, ó Laranjeira, o que hei de eu chamar ao doirado camarim onde hei-de encerrar a minha sogra um dia!...

Fausto LARANJA.

*Será verdade?*

— Que a Ideal Rádio agradece terem ouvido o galo cantar ao natural?

F. L.

## Dr. Ribeiro Seixas

Fomos dolorosamente surpreendidos pela notícia da morte do ilustre clínico desta cidade, e nosso muito querido amigo, Dr. Ribeiro Seixas.

Alma de eleição, carácter nobilíssimo e indefectível republicano, o Dr. Ribeiro Seixas deixa, na alma dos seus amigos e de quantos com êle privaram a tortura duma indelével saúde.

A tôda a família enlutada, especialmente a seus cunhados Drs. Leonar de Coimbra e António Coimbra, bem como a seus filhinhos apresenta MARIA RITA os seus cumprimentos de pesar, dilatando-os à redacção da *Montanha* do que o extinto foi ilustre redactor.

## A mulher em sua casa... e o homem no ôlho da Rua

Tem razão as lindíssimas leitoras que nos tem escrito queixando-se de que as temos esquecido na MARIA RITA; mas desculpem VV. Ex.<sup>as</sup> e não julguem que foi propositadamente que o fizemos. E' que não temos tempo senão para falar em política. Agora que encontramos uma aberta, vamos dedicar uma página à mulher, dando-lhe conselhos e proporcionando-lhe tudo o que é necessário para se viver em paz com Deus e com os homens de cada uma.

### Trajo para maridos muito amigos

— Como a vida está cara e é uma cruz levá-la, impõe-se que uma perfeita dona de casa se preocupe em fazer economias. Economia em tudo: no tabaco do marido, na comida do espóso, nas diversões do seu homem e sobretudo nas roupas do marido, ou seja naquilo que não é preciso esmerar-se por serem coisas de somenos importância. Seria uma dor e uma injustiça econômica, fazer economias nos trajes femininos, êsses pequeninos nadas, feitos de nada mesmo, e que custam um dinheirão formidável. Uma senhora não poderá sair à rua, vestida de qualquer maneira. Já o mesmo não acontece ao marido, que é feito doutra massa.

Por isso aconselhamos a VV. Ex.<sup>as</sup> que indiquem a seus maridos os fatos de nudistas que são baratos, duma simplicidade arrebatadora, e pode ser que haja quem os faça a prestações. Podem fazer-se em diversas côres desde o preto ao pele-vermelha, a condizer com o cabelo, e nos dias de muito frio, completar-se-á a indumentária com um chapéu de côco.

**Trajo de viúva inconsolável** — Poderá servir um bom charuto, porque nos vestidos de viúva quanto mais

fumo melhor. Nestes vestidos, os fumos usam-se especialmente na cabeça, como os bêbedos. Gases atrás, e escumilha pela frente. A saia de arrasta precisa dum macho a substituir os godés que até agora se usaram.

Esquecia-nos dizer que estes trajes costumam fazer-se em preto.

**Como se faz um estojo de costura** — Simplicíssimo. Qual é a de VV. Ex.<sup>as</sup> que nunca comprou um par de sapatos? Se isso depender da mulher, será de três em três meses; se depender do homem será de três em três anos.

Pois no dia feliz dessa aquisição, quando VV. Ex.<sup>as</sup> entrarem em casa, tenham a bondade de tirar os sapatos da caixa e pô-los no armário. Depois tirem a tampa da caixa e deem-na aos catraios. Feito isto, bastará pegar nas agulhas, na linha, no dedal e no respectivo ôvo de pau, e pôr tudo dentro da caixa. E já está! Ai terão VV. Ex.<sup>as</sup> o seu estojo de costura, bastando, após, pedir a Deus vontade para pregar um botão que falta no casaco do marido desde o dia em que êle lhe deu os últimos sapatos.

### Para fazer calar as crianças

— Quando um dos anjinhos que povoam o nosso lar, estiver berrando acêrca de oito dias, sem que nada o consiga fazer calar, nem a promessa do céu ou de um aeroplano para lá ir, há diversas maneiras de o fazer.

A mais eficaz, porém, é esperar que êle abra a bôca o bastante para se lhe meter em ela um masso inteiro de algodão hidrófilo. Feito isto, vai a gente para o piano e toca Grieg até isolar. No fim da música o menino ter-se-á calado por algum tempo.

Rita MARIA.

## Pôsto Médico

Eis-me a dar-te um abraço, MARIA RITA. E a abrir consulta. Quem te ama-nheira a prosa e chiste bem os conheço. Pilhas de graça, acicates de facécia, rajadas de leve crítica, já comêça demonstrando o primórdio. E um caricaturista, de lápis faceto, anima a linguagem do texto bem acepipado de condimentos, bem tripeiros. Vamos assistir à roupagem das tuas colunas, quer dizer, por tua língua doiro, que a de prata anda tudo por aí cheio... de moedas. O melhor dos serviços prestados é o *ridendo castigat mores*. Que uma latinidade é de uso em todo o início de um sermão

laudatório. E o maior dos hábitos verberáveis é o uso de frases que o protocolo não permite. A profilaxia da língua... gem impõe-se. Fundemos a Liga da respectiva saneação. *Leite* macio, branco, sem contrafação de quem o dá, sem ser preciso pedir comiserção presidencial... *Carvalho* forte, rijo para zuzzir os vociferantes... E *Arte e Manha*, quem tal diria existir esta onde medra aquela? E vamos aos que aplicam esta linguagem sem nexo, sem tino, grosseira e torpe e atiremo-nos a êles.

Dr. RACLIMA.

Nem sempre se pôde satisfazer o desejo duma mulher. Há que atender ao bom senso, para salvarmos a vida.

## Assinatura da Paz

Com tôda a solenidade, procedeu-se ontem, à mesa redonda duma casa muito conhecida em Fornos de Algodres, à assinatura, por tôdas as partes interessadas, da paz entre o padre, o sacristão e o menino do côro, que desde há tempos se guerreavam pelos emolumentos da cêra do santíssimo descaramento.

## PERFIS DO PORTO

VIII

DR. LOURENÇO GOMES



Médico distinto. Catedrático e Director do Instituto de Medicina Legal... como se vê pela tristeza permanente.

# A VIDA E A MORTE

VIII

UM PENSAMENTO



OCTAVIO  
FERREIRO  
1930

*Se Deus existe, porque há também o Diabo?*

## Amor... e flatulência

Ele e ela, ambos a par,  
qual casal de pombas mansas,  
num doce e terno arrulhar,  
transpunham-se em mar d'esperanças.

Mas, de tam feroso amar,  
surgiram desconfianças,  
quando ela foi confessar  
ao Adonis, entre lanças:

— «Meu amor — triste deplora —  
sinto-me tam enjoada...»

— Isso é flato, querida Aurora,

diz êle — está descansada;  
em tu deitando p'ra fora,  
ficas logo afiviada...

ALBANUS.

## SALÃO SILVA PORTO

BREVEMENTE

## Exposição Octávio Sérgio

RETRATOS  
DESENHOS  
CARICATURAS

## O sexo masculino está por cima

O *Diário de Notícias*, de sexta-feira passada, insere uma notícia americana narrando pouco mais ou menos isto:

«O Dr. F. Unzerberg, de Koenisberg, com um tratamento da sua invenção consegue aumentar a natalidade masculina. Qualquer mulher que esteja para ser mãe e queira ter um rapaz, procura este médico e consegue ver realizado o seu desejo.

Desde o principio de 1932, foram tratadas por este célebre médico, 542 mulheres e tôdas deram à luz rapazinhos, e grande parte delas tomaram a doze em duplicado...»

Esta notícia enche-nos de verdadeira satisfação. E sabendo demais a mais que ao consultório de tão ilustre representante da Ciência ocorrem diariamente centenas de mulheres desejosas de levarem para casa um varão, ficamos absolutamente crentes que dentro de algumas gerações só existirão homens à superfície do globo. E como a mulher tem sido sempre a causa de todo o mal, vamos ter sobre a terra a felicidade máxima. Depois disto, tornar-se-ão possíveis todos os impossíveis desde o nudismo até à diminuição de desemprego, porque ficarão para os homens os lugares até hoje ocupados por mulheres. E ainda havemos de ver com que geitinho alguns homens servirão de amas aos seus pequeninos semelhantes.

Em tôdas as partes do mundo se desenha um movimento de curiosidade; para o Dr. Unzerberg estão neste momento voltados todos os ventres frutíferos. Começam a fazer-se excursões em carros próprios, e consta que a Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal, vai fazer uma nova emissão de papel, para o assentamento duma nova linha até Koenisberg.

Também afirmam que o Dr. Cristiano de Moraes vai experimentar o processo novo.

## Jorge de Abreu

Acaba de desaparecer essa grande figura de jornalista e de escritor que se chamou Jorge de Abreu.

Apagou-se para sempre a sua luminosa inteligência; parou de vez o bondosíssimo coração que todo o norte do país se acostumara a estimar desde que o ilustre plumitivo fixou residência no Porto.

Lamentando profundamente o desaparecimento de Jorge de Abreu, MARIA RITA, dando um instante de tréguas ao seu humorismo, apresenta à Redacção do *Primeiro de Janeiro* as suas mais sentidas condolências.

# POR MAL DOS NOSSOS PECADOS

Impressões de dois lisboetas de empréstimo

## Afonso Henriques... "O Conquistador,"

Deixemo-nos de coisas: isto de uma mulher nos mostrar a frescura dos seus dentes, traída pela irreverência de um sorriso que não pôde camoflar, ainda é um aperitivo melhor do que muitos outros que por vezes dificilmente conseguem abrir-nos o apetite. E desse sorriso-aperitivo, nasce muitas vezes um interminável banquete de loucuras, cuja usual «sobremesa», a avaliar pela velocidade que o realismo vai adquirindo, poderemos descrever abertamente em crónicas como esta, se conseguirmos chegar ao ano de 1940.

Aqui para nós homens casados, que as nossas mulheres não nos ouvem, todos temos procurado dezenas de *meaús* variados, mandando enfeitar afrodisiacas mesas, e saboreando ótimos repastos com aquela virgindade histórica que nos ficou do pai Adão, quando a mãe Eva, coitada, não supunha sequer que as suas descendentes viriam a ter muito mais descaramento!... Está-nos na massa do sangue; e o facto de estragarmos aquela... e este, não é motivo suficiente para que arripiemos caminho.

Pertence ao generalizado grupo o nosso amigo Afonso Henriques, «Conquistador» por excelência, que, para não se confundir em epíteto com o fundador da Terra-Lusa, resolveu trocar as cidades por mulheres, procurando, contudo, ser muito mais veloz do que o nosso primeiro rei, porquanto esse, coitado, andou uma infinidade de tempo para se pôr em Santarém. O nosso amigo Afonso não; mal vê uma dama a geito, faz cerco, segue, fareja, e só não ladra, para não lhe suceder como aos cães que, nesse caso, nunca conseguem morder. E' contudo infeliz aos amores, pôsto-que, depois da regulamentação do jôgo, tenha perdido uma fortuna na batota. Muitos sorrisos dos tais, muitas promessas... das tais, muito dinheiro... do tal e ficam-se por ali! Nunca lobrigamos mancoço com tanta paciência e com semelhante «galinha». Enamorou-se dumas pernas na véspera de serem decretadas pela moda as saias curtas; encrençou por certo busto quando nasceu o capricho feminino dos abaços; bastou sonhar com uns rolhões braços para que as mangas descessem até às falanges; e permitam-nos que não lhe digamos aquilo com que o Henriques endoideceu uma vez, precisamente no dia anterior àquele em que a generosa elegância dos cintos apertados, foi substituída pela soviniçade dos casacos largos. Apaixonou-se um dia por uma linda cara, figura estilizada das *féeries* lisboetas, e ao conseguir a apresentação, surgiu-lhe o bailarino Francis, e mal correu ao Maria Vitória para apreciar a beleza estranha da Azuzena Maizani, deparou com um autêntico macharrão, de calças e tudo! Apre! Já era calixtagem!

Andara por tôdas as *garden partys*; por tôdas as festas de caridade... *bem entendida*; por tôdas as *sourées*; e a respeito de chás só lhe faltara provar o da Pérsia, porventura mais fácil de convencer do que as damas dos seus sonhos!... Se conseguia encaixar alguma elegante, a sós, nas salas discretas de qualquer casa de *five o'clock tea*, saía-lhe, invariavelmente, mais reservada do que o próprio gabinete, não lhe dando lugar a bater as palmas de contente, mas apenas para chamar o criado e pagar a conta, tão calada como os lábios daquela que lhe dera origem. Era esta a sina do nosso Afonso Henriques!

Um belo dia resolveu deitar um anúncio. Conhecia a respectiva página do *Notícias*. Lia-a desde criança porque nunca autoridade alguma se lembrou de proibir a leitura dos seus anúncios, considerando-a imprópria para menores. Podia ser que qualquer senhora... ainda nova, das que pedem *pequeno empréstimo a descontar nos aposentados* ou *ensinar inglês a cavalheiro de meia idade*, se lembrasse de responder à Agência Eva, transformando-lhe a vida num Paraíso. Assim fez. Pensou, estudou, e acabou por redigir da seguinte forma:

**Cavalheiro** — *Dispondo de tempo e de paciência, mas desprovido de dotes físicos, pretende encontrar quem lhe dê sorte. Carta à redacção indicando sítio e hora.*

Decorridos dias após a publicação, tinha aparecido ao Afonso Henriques, apenas uma carta a responder. Abriu-a sófregamente e leu de um fôlego o que nela se continha.

*«Em resposta ao anúncio de V. Ex., tenho o prazer de comunicar-lhe que estou na disposição de lhe dar sorte. Passarei esta tarde às cinco pela porta da Brasileira do Rossio. Espero, como sinal, um cravo ao peito — J. M.»*

Afonso delirou! Até que enfim! Ia realizar-se o milagre! Aparecera uma pessoa que se lhe declarava... a tantos escudos a linha, trocando vantajosamente os *sinalefos* no século

dum cinema pela ultra-cômica resposta à redacção! Aquilo sim! Era prático, eficaz e livre do perigo de uma bofetada aplicada a tempo!

Enfarpelou-se, perfumou-se, marcou aposento no mais aristocrático hotel da capital (porque os mais modestos não aceitaram o freguês) e avançou, confiadamente, para o Rossio.

Soaram as cinco horas. O nosso herói esperava, impacientemente, a *madama*, que lhe desse uma no cravo, desprezando absolutamente a hipótese de apanhar outra na feradura.

De repente, há uma pessoa que se abeira do janota e lhe diz de chofre: — *«Fui eu quem respondeu a vocelência; e estou pronto a dar-lhe a sorte, sem que haja perigo de falhar! Ecce homo! Quod est... est! Aqui tem o 2367 que anda amanhã a roda.»*

As iniciais da carta, J. M., revelaram de facto, sem de xar dúvidas, o nome do seu popular signatário: — *José Maria*.

Em verdade, a única pessoa que se propusera dar sorte ao Afonso Henriques, era, sem tirar nem pôr... o *cauteleto fardado!*...

Irmãos UNIDOS.

## COROAS & CARTOLAS

VIII



A cartola não está inutilizada; é uma claque.



Eduardo Plácido

JÁ por várias vezes, noutros jornais humorísticos temos tratado do mesmo turístico assunto de que hoje nos ocupamos. Que querem? O Pôrto progride constantemente e todos os dias enriquece a sua terrina de tripas com novos condimentos e acepipes.

É preciso, pois, elucidar o turista de Mesão Frio e o forasteiro lá de fora, sobre o que de mais moderno e importante tem a nossa Invicta, digno de ser visto e admirado por todos quantos, sedentos de Arte e famintos de Beleza (que lindo!) procuram deslumbrar a vista e educar o espírito. Ora toma!

### AS PRAÇAS DA CIDADE

#### Uma igual a três

Uma das coisas mais sensacionais da cidade é o que ela tem de triplicado.

Quem ouvir falar nas praças do



No pico do Monte... pio

# PRÓ INVICTA

## Propaganda Tripeira de Turismo

ESTAÇÕES E CAMPOS PRAÇAS E AVENIDAS

Olhai, olhai, admirai!...

Pôrto supõe que são às centenas. Nada disso. É que cada uma vale três!

Porta de carros, Feira de S. Bento e Praça de Almeida Garrett são três num pé só.

A Praça Nova é a mesma do Sr. D. Pedro IV que, por seu turno, a cedeu à Liberdade, criatura que só lá aparece de vez em quando...

Há uma praça que bate o *récord*: vale quatro!

Praça dos Leões—Voluntários da Raíña—Parada Leitão—Universidade!

Uma praça quadrúpede! É um assombro!

As modificações porque foi passando justificam-se da seguinte maneira: os *Voluntários* foram para bombeiros, os *leões* comeram o *leitão* e a praça ficou *parada na universidade*.

Lago ao pé há outro terceto: Cordoaria, Mártires da Pátria e João Chagas. É neste jardim que está o busto de António Nobre.

Daqui a cem anos um professor de história explicará aos seus discípulos: — Nesta praça foi enforcado João Chagas, um mártir da Pátria, com uma corda fornecida por António Nobre, proprietário da mais importante Cordoaria da cidade!...

#### De Santo Ovídio até à República

Uma praça histórica que merece registo especial é a da República.

Já ali se aquartelava um destemido regimento quando das lutas liberais. Chamava-se então Campo de Santo Ovídio.

Mais tarde passou de Campo Santo com *ovídio*, orelha e tudo para Campo da Regeneração. Assim se denominava quando o «18» desceu a rua do Almada aos vivos à República, muito antes dela ser proclamada.

Veio o 5 de Outubro e ficou sendo Praça da República. E lá se foi a Rege-

neração por água abaixo, como diz um talassa nosso amigo.

Com estas alterações nada se importou o primitivo dono do Campo, o milagroso Santo Ovídio, para quem estas modificações tódas entraram por um *ovídio* e saíram pelo outro.

A esta praça vai desembocar a rua Mártires da Liberdade, antiga Sovela. O que prova que isto de transformar a sovela em liberdade, ou vice-versa, já lá vem de trás.

#### S. Bento à espera da sala O «Hall», e o relógio

Depois desta digressão pelas praças em triplicado, como o célebre fado, elucidemos o turista sobre os pontos mais centrais da cidade, deixando o resto para outra vez.

Principiemos pela estação de S. Bento. É a mais notável e original do mundo. Os passageiros que esperam os comboios tem de estar sentados... de pé.

Não tem bancos nem salas de espera!

Que comodidade! Que conforto! Que civilização! E que paciência!

Estão os portuenses à espera das salas de espera desde o dia da inauguração!

Outra coisa digna de se admirar é o relógio do «hall» que nunca trabalha e tem uma escada desde o mostrador à bilheteira, para os *ponteiros* descerem e ir para o pagode, motivo porque nunca se encontram no exercício das suas funções.

No «hall» vêem-se uns artísticos azulejos, representando diversos assuntos da vida ferro-viária em Portugal. Num deles está o Sr. Vasconcelos

Pôrto, com o estandarte da Companhia desfraldado, incitando os acionistas a deixar correr o marfim.

Outro representa o Sr. Fernando de Sousa, com uma corda ao pescoço, diante do conservador do registo civil, pedindo perdão das más *companhias* por onde tem andado, feito engenheiro perpétuo.

Há quem diga que não é o Sr. Fernando de Sousa, mas sim o Sr. Eduardo Plácido. Não é verdade. Éste lá tem o seu lugar reservado na Boavista...

Quando chove, abrigam-se no «hall» centenas de pessoas. É por isso que há quem chame à estação de S. Bento uma estação... de inverno.

#### O Sr. D. Pedro IV e o Brasil O grito do Ipiranga!

Convencionou-se chamar centro da cidade à Praça da Liberdade. É lá que se encontra o Sr. D. Pedro IV que, como se sabe, se desfêz do Brasil, que era nosso, com a mesma facilidade com que se bebe um copo de água.

Por esse facto a Praça deveria chamar-se Praça da Liberdade... do Brasil.

Tem divergido as opiniões sobre a papelada que S. Magestade sustenta na sua real dextra. Uns dizem que são cédulas de prego e outros bilhetes da lotaria.

Nós consultando *velhos manuscritos*, como diz o outro, ou pondo-nos a *cavar em ruínas*, a fingir de Mestre Camilo, conseguimos averiguar que o que o Sr. D. Pedro IV tem na mão é uma carta do avô do Sr. Getúlio Vargas, agradecendo a S. M. a oferta do

Brasil e dizendo que os seus netos saberiam compensar Portugal por tão valiosa dádiva.

É o compensas!

Nós demos-lhes o estabelecimento, ainda lhes emprestamos dinheiro para eles o desenvolverem, e agora, nem os juros nos pagam.

Independência ou morte! — disse o Sr. D. Pedro IV nas margens do Ipiranga. Paguem os juros e tenham vergonha! — dizemos nós nas margens do Douro.

#### A Avenida e os Bancos A Caixa e o Monte

A artéria mais moderna da Invicta, a mais odorífera e a mais ampla, é sem dúvida, a Avenida dos Aliados, que se estende desde a Praça ao futuro Município. E não se estende muito, porque a igreja da Trindade, ao vê-la subir por ali acima, disse-lhe: olha lá não te estendas! E a Avenida encolheu-se.

A Avenida, além da Senhora Desconhecida e dos Meninos Pilatos, já muito nossos conhecidos, tem algumas particularidades notáveis.

É lá que se encontra o Metropolitano, motivo porque nas linhas de cima lhe chamamos odorífera.

Há quem se queixe amargamente que a Avenida não tenha bancos, onde se possa descansar com sossêgo e tranquillidade.

Quem tal diz não tem olhos para ver. O que a Avenida tem mais são *bancos*. A principiar no Lisboa e Açores e a acabar no Aliança.

Não aconselhamos ninguém que se sente no banco do Minho, porque tem as quatro pernas partidas; nem tampouco no do Espírito Santo, porque, embora seja resistente, é praticar um atentado contra a Santa Religião.



O passeio relógio sem ponteiros



Nos bancos da Estação

Quem não quiser sentar-se em bancos pode fazê-lo na caixa... económica, ou então, ao ar livre, no monte... pio, a tomar a fresca e a ler um jornal.

Também há quem se lamenta da pouca animação que tem a Avenida, atribuindo esse facto à falta de estabelecimentos comerciais.

Que disparate! Falta de comércio numa Avenida que tem lá todo o *Comércio do Pôrto*!...

Então o sr. Bento Carqueja, alma estruturalmente bemfazeja, já não conta em questões comerciais?

É também nesta Avenida que se está a construir o novo edifício da Câmara Municipal, que será inaugurado no ano 2000, e principiado a demolir no ano 2001 para se proceder ao prolongamento da Avenida.



Fernando de Sousa





## O desafio Pôrto-Marítimo

Quem diria que o Marítimo vinha desaguar no campo da constituição?! Foi mais um *pôrto marítimo* com que teremos de contar para o respectivo empréstimo dos Portos.

E agora que desabafamos com respeito ao encontro, vamos lá de encontro ao desafio:

Felizmente tínhamos desabafado em cima, porque depois, desde que chegamos a trezentos metros da porta até que entrou o terceiro ponto do Pôrto, não voltamos a desabafar, santo Deus!

D. Afonso Henriques, no tempo dêle, teve menos trabalho para romper algumas muralhas dos mouros, do que aqueles que no domingo tiveram que atravessar as portas da Constituição.

Houve menino que viu a morte diante dos olhos uma centena de vezes. Morte por asfixia, e morte por inação.

Eu, por mim, confesso que estive sem respirar os três quartos de hora que me demorou a percorrer os miseráveis doze metros que me separavam das portas do céu. É ainda o que me valeu foi o *livre trânsito*, se não em vez de três costelas partidas, tinha chegado às bancadas sem nenhuma inteira.

Mas o sofrimento não ficou por aqui; lá dentro, é que foi passar o verdadeiro Cabo das Tormentas. Tudo cheio. A's 5 menos um quarto o campo dava já a impressão que o desafio "pôrto-marítimo" se iria jogar num mar de cabeças humanas.

### O jôgo

O jôgo para não falhar aos antecedentes foi outra tragédia de sofrimentos... principalmente na segunda parte, em que todos estavam com os olhos arregalados, suores frios e quentes e corações a tocar o estaladinho. Dava a impressão dum grande naufrágio, naquele mar nunca dantes navegado a-pesar-de não haver nem *pinga*. . de água.

Propositadamente nos abstermos de descrever o desafio, porque o lápis nos tremia nas mãos e o suor alagava o papel.

Sabemos apenas que quando deu sinal a trombeta *Canutana*, aqueles vinte-e-dois homens se atiraram uns aos outros.

E a assistência desatou a tremer, a tremer, e a quedar suspensa do apito.

Ao meio tempo ninguém saiu do seu pôsto porque era impossível mexer-se a gente um centímetro só que fôsse. Srs. Directores: para a outra vez quando

houver destes desafios marítimos, das duas uma: ou mandem alargar o campo, ou então façam o favor de mandar matar à porta metade da assistência em lugar de a pretenderem asfixiar.

### Segunda parte

Ao fim dum quarto de hora, os menos corajosos pegaram de ter cheliques. Meia hora depois morriam os primeiros com síncope cardíaca.

Pouco depois passava a tempestade, graças a um terceiro goal do Acácio, que foi a verdadeira boia de salvação. Delirou-se; e os olhos que até então estavam pregados no mostrador de pontos, passaram a pregar-se no mostrador do relógio.

Foi tal o entusiasmo que êste ponto trouxe que a MARIA RITA esteve para largar o assento e ir beijar o Acácio, salvador de tanta gente duma morte certa.

### Notas recolhidas

Na segunda parte, para aliviar um pouco as almas, o F. C. P. fez queimar um fogo de barraca muito apreciado pelo público, que achou muito a propósito por estarmos na época dos Santos Populares.

A' noite, na Adega do Capacete, propriedade do grande Acácio, houve uma enchente à cunha. Trocaram-se saídas e apareceu novamente a boa Pinga.

Depois do jôgo de Domingo, o Waldemar, passou a chamar-se *Valde-marítimo*, e nós chamar-lhe-emos *Val-de-mais*, graças a Deus.

Parte da assistência viu o desafio por um canuto; e outra parte por um canudo.

Total: dois goals a três, cinco asfixias, quatro síncope, dez feridos e um vômito negro.

ZECA.

### VIAGENS MARAVILHOSAS

Por conveniência da tipografia fomos obrigados a retirar esta secção, de que pedimos desculpa ao seu autor e aos leitores, prometendo inseri-la no número seguinte.

## A figura da semana

### Camões

Luís de Camões, aquele célebre soldado que ficou na história por ter ido a Macau, e recebeu a medalha de benemerência por ter salvo a nado os Lusíadas em grave risco de morrerem afogados, era cego dum dos olhos. Até hoje não se sabe bem de qual era, porque as fotografias ora no-lo mostram do esquerdo, ora do direito.

Este homem, que segundo afirma a Academia das Ciências, nasceu em Freixo de Espada-à-Cinta, tinha a qualidade de ser poeta e soldado, como tantos outros.

Fêz ontem anos e a MARIA RITA, foi como de costume apresentar-lhe os seus cumprimentos e levar-lhe um ramo de flores.

Fomos encontrá-lo muito triste e um pouco aborrecido com a coroa de louros que lhe aureola a fronte levantada, e lhe espetava o espinho peculiar a tôdas as coroas.

Agradeceu-nos com um aceno de cabeça e não nos pôde estender nenhuma das abençoadas mãos porque como VV. Ex.<sup>as</sup> sabem o Luís de Camões tem as duas mãos sempre ocupadas:

*Numa mão a espada e noutra a pena.*

Feitos os cumprimentos, ouçamo-lo em prosa, porque, segundo a opinião dêle, o verso, hoje, anda muito por baixo:

—Olha MARIA RITA, os homens são uns ingratos. Como sabes, eu morri de fome; a pensão que me deram, era como tôdas as pensões ainda hoje: boas para se morrer de fome.

E na hora da morte só o meu pobre Jau estava a meu lado; morri *enjaulado*. Agora, festejam a minha morte com feriados nas escolas e nos Bancos, e com desafios militares entre espanhóis e portugueses. Os meus Lusíadas, coitados, fui encontrá-los na Feira do Livro, de tôdas as maneiras e feitios. Há os do Campos Monteiro, do José Agostinho, do Biel. Todos ganham dinheiro à minha custa.

Só tu, MARIA RITA, que brincas com tudo e com todos, é que te lembraste dêste pobre poeta que na tua terra não foi ninguém em vida, e a quem distinguiram com um dia especial, pela necessidade de dar um feriado pelo Santo António.

Ao acabar chorava-lhe o olho são. O outro, hermêticamente fechado, dava a impressão do olho da Providência que vê tudo sem nada ver.

Comovidos também, deixamo-lo entregue à sua dor e viemos para a redacção a pensar que, hoje, um cantor de Glórias é mais amimado do que o pobre Luís.

José de ARTIMANHA.





# FOLHAS DE ALFACE

## CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Não sei se tu sabes, aí no Pôrto, que existe em Lisboa um jornal chamado *Diário de Notícias*. Mas existe; existe, e é muito austero. Acusam-no de agir encapotadamente, num manso e deleitado trabalhinho de sapa. Que gente tão má! O *Notícias* ama a verdade. E como, desde tempos imemoriais, ela está de molho no fundo de um poço, quando éle fura, e mina, e excava subterraneamente, não quer mentir; — quer ver se encontra a verdade... Mentir, éie?! Nunca. Supõe tu, por exemplo, que uma peça se estende, no Pôrto, antes de cair o pano sobre a peça. Imaginas que o *Notícias* é capaz de dizer que a peça alcançou um êxito retumbante? É incapaz. Incapacíssimo. O que é tumba no Pôrto, — não retumba no *Notícias*.

Ora, segundo me contaram, o ponderado órgão deu ao fole, um dia destes, chamando a atenção para a imoralidade que campeia na praia do Estoril. Fiquei banzado, perdoa o termo. E concluí que o *Notícias* não gasta um vintém com campanhas, — porque tem pilhas de graça!

Não há no mundo inteiro uma praia mais pacata do que o Estoril. Está claro que as mulheres já não caminham magestosamente para o mar arrastando batas de castorinas, que era como a minha avó o fazia. Estrangeiras e portuguesas, envergam a sua malha cingida, deixando que o sol as requieme e que o mar lhes ponha o sal na moleirinha. — Mas só o *Notícias* é que deita a pimenta...

De que vem esta arremetida sem base?

Acontece justamente, MARIA RITA, que as páginas de anúncios do mesmíssimo jornal são uma grande praia de cinza, tocada pela babugem dum mar de águas turvas. Lá aparecem, pontualmente, a senhora que pede empréstimo a cavalheiro, o cavalheiro que procura um quarto para pouca permanência (vulgo quarto de maçã, por causa de Eva), o remédio infalivelmente rejuvenescedor, a declaração de amor pecaminoso, com beijinhos em abreviatura... Todo o feio suspirar de virtudes que estão por um fio, ou que já estão no fio; todo o negro estendal do pecado sem linha — a tanto por linha, é claro.

Todos os «banhistas» dessa triste praia passam pela administração do periódico; e são cavalheiros circunspectos; e são madamas cobertas, até ao pescoço, por espessuras da mais discreta indumentária...

Deve ser esse o «fundamento» da arremetida...

Ora, MARIA RITA, as moralidades não se medem a palmos... de fazenda.

E quando houvesse, na saudável-moda de ir para a praia de corpinho tão bem feito quanto possível, uma ofensa à moral, — saísem a estacada os que não tivessem vidraça por telha...

Acredita. Não seria nunca no *Notícias* que a moralidade poderia desfraldar o seu estandarte. — E olha que não digo isto para lhe fazer ferro.

Pediste-me o outro dia notícias minhas, do que penso, do que faço, do que quero. E's muito amável E respondo: estou a trabalhar noutro romance, que me diverte muito. O nome? Eu não tenho segredos para ti. Chama-se: — «A Calçada da Gloria» (Vida e Obras de Antero Chumbo).

Gostas?

Foi inaugurada a nova estação do Sul e Sueste, que vem substituir a outra, provisória durante oitenta anos. É uma obra esplêndida valha a verdade. Mas que queres; eu sou tradicionalista, e não gosto de ver suprimidas as reliquias nacionais. A nova estação é muito bonita e muito boa; mas há pelo mundo muitas assim. A outra, encarrapitada nas suas estacadas como um gafanhoto pousado num paliteiro, —

era única. O progresso é um caminhar destruidor. Lisboa ganhou um edifício civilizado — mas perdeu uma habitação lacustre. Tem mais um cidadão — mas ficou sem uma múmia. E foi ilógico impedir a estação provisória de chegar a um século. Uma estação deve ser, por força, estacionária.

Inaugurou-se o Congresso Radiofónico. Eu não sei se é assim que se diz, e que se escreve, nem compreendo bem como funciona este Congresso; creio que cada congressista fica em sua casa a dar a uma manivela para ouvir as teses dos outros, — e acho ótimo. É um sistema que devia ser aproveitado imediatamente para todos os congressos; assim como assim, cada um em sua casa faz o que quer; pode perfeita-

mente meter-se na cama e dormir a sono solto, sem os outros verem. Dessa maneira, até eu era congressista! Mas estas coisas não duram. Já aí vem a tele visão dar cabo de tudo. Não tarda um credo que a anixem aos aparelhos auditivos; — e nessa altura, lá tinha a gente que ir para a sala, de casaca, (pelo menos da cintura para cima) para os outros congressistas verem que a gente os estava a ouvir. Que espiga! É pior que espiga. Se com a tele visão a gente passa a ver todos os parasitas que actualmente ouve, digo-te que é uma reverendíssima porcaria.

A civilização é uma chuva de picaretas.

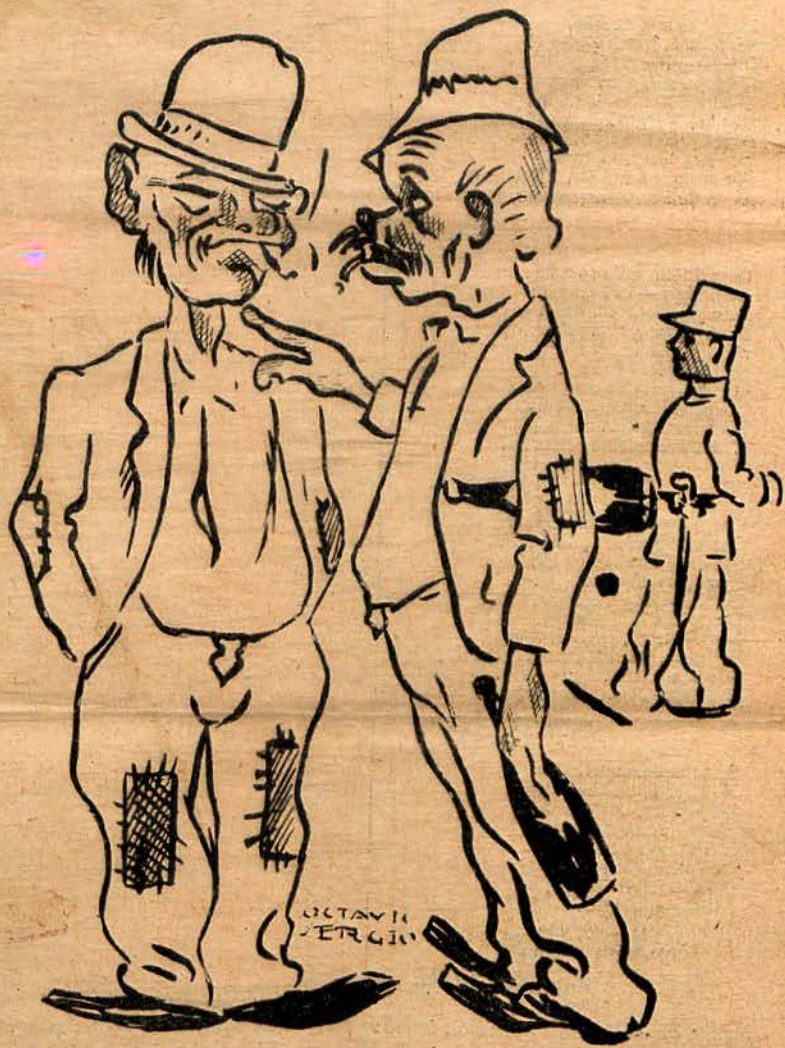
De vez em quando, como desafogo, o Dr. Joaquim Manso, que é um espírito brilhante, publica no *Diário de Lisboa* «Máximas para Converter em Bom-Senso», e *Fábulas* muito bem escritas, onde falam ótimo português alguns pássaros que levam geralmente água no bico...

Ainda um dia te hei de mandar um rosário de «Mínimas para converter em Bom-Senso», de que ando a fazer colecção. Para amostra:

«A sogra é um mau elemento na vida doméstica, por ser muito difícil de domesticar.»  
Dispõe sempre do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

## ENTRE BORRACHOS



— Queres ouvir Manel... agora é que eu sei a razão porque o meu pai chamava pomba à minha mãezinha... (chora).

Ainda para o mote:

*Neste jornal, a laracha,  
E' sempre coisa de estucha.*

recebemos as seguintes

## GLOSAS:

Sagitarius tem tal graça,  
Que apoteose merecia!  
E acha semsaboria  
*Neste jornal, a chataça.*  
Vá lá! Por esta vez, passa,  
Porque *Zélio* não embucha.  
Mas, se repetir a bucha,  
Talvez se lhe dê um geito,  
Porquanto, um mote bem feito  
*E' sempre coisa de estucha!*

## ZÉLIO.

Quem escreve motes sem graça  
Duro castigo merecia,  
Pois torna em semsaboria,  
*Cá no jornal, a chataça.*  
Por isso é que este não passa  
Sem um remoço de embucha.  
Sirva-lhes, pois, esta bucha  
P'os fazerem com mais geito  
Que um mote, sendo bem feito,  
*Tem sempre graça de estucha.*

## SAGITARIUS.

Larga piada d'escacha,  
Muito fina, fresca e boa...  
Desafia o riso à toa  
*Neste jornal, a laracha.*  
E' tal a graça que lhe acha,  
Que até *Maria Cachucha*  
Dança o fado e estrebucha  
Em gargalhada infinita.  
Por ver que a *MARIA RITA*  
*E' sempre coisa de estucha.*

## Zé BARÃO.

Com direito tudo se acha  
De brincar — estão a ver;  
Pois tôdas querem meter  
*Neste jornal, a laracha.*  
Muita piada se encaixa  
Na *Maria Rita Puxa*  
Que mais parece uma bruxa  
Com seu lenço atado em ponta...  
Porém, o que ela nos conta  
*E' sempre coisa de estucha!*

## VIOLETA.

Ontem levei com uma acha,  
Que as costas me pôs a arder,  
Por ser encontrado a ler,  
*Neste jornal, a laracha.*  
Levei pancada d'escacha,  
Do polícia *Zé da Bucha.*  
Mas em troca, pequerrucha,  
Em troca, querida *Maria,*  
Se sós nós stamos um dia...  
*E' sempre coisa de estucha.*

## Rutra SEUQRAM.

Se eu morasse na baixa,  
No Carmo, ou Cordoaria,  
Lia sempre, noite e dia,  
*Neste jornal, a laracha.*  
E faria uma borgacha,  
Que até a *Micas Puxa,*  
Filha da *T'iana Bruxa,*  
Diria com alegria:  
Se passearmos um dia,  
*E' sempre coisa de estucha.*

## Rutra SEUQRAM.

Mote a concurso para o próximo número:

*O meu amor fecha os olhos,  
Quando lhe falo de amor...*

# Pena perdida

Marco Perdigão, é um empregado público que ganha pouco e tem muita família. Além disto, possuía, como principal ornamento da sua pessoa, uma caneta permanente que, como o nome indica, não o deixava nunca. Sucedeu, porém, que ontem, ao deitar-se, deu

pela falta da estilográfica *Conklin* e já não pôde dormir.

E como os seus meios de fortuna não são nenhuns, veio à nossa redacção pedir às almas caridosas que a achem, o favor de a devolver.

Perdigão perdeu a pena... e a *MARIA RITA* faz igual apêlo aos seus amigos, acrescentando que quem a tiver achado e a queira remeter, poderá ficar com o recheio.

# O NATIVISTA



*Efectivamente, olhando este tipo de mulato, percebe-se porque os nossos irmãos de além mar dizem que não descendem de nós.  
E' preciso ir à mais remota ascendência do homem para compreender a origem do macaco de rabona.*

## Quem é?

O teu nome diz-nos tudo.  
Rompendo, a noite afugentas.  
Mirbeau tem um *dos Suplicios*.  
Aquilino um *das tormentas*...  
E urdindo a teia encantada,  
Quantas moscas apoquentas?

ZARATRUSTA.

## Pergunta

Qual é o dramaturgo português que tem uvas e é pouco extenso?

## Anexim

São dois irmãos. Mal nasce o sol,  
A pé um dêles logo está.  
O outro dorme e dormirá,  
A rressonar em si bemol.

O dorminhoco nada entende.  
«E' mesmo um burro!» — diz o irmão.  
E assim, confirma-se o rifão:  
"....." (?)

MICOELA.

Decifrações do último número: — *Quem é?*  
— Nascimento Neto. — *Anexim*: Quem desdenha,  
quer comprar.

*Decifrações*: — Cardial Mira, Rei dos Borlistas, Rei do Jazz, Conde da Palmeira, Chico dos Figos, Rei do Milho, Conquistador, Zeca Gancho, Mariarita, Conde Pilo, Condessa Lopi, Rutra Senqram, Rei Vitalício.

## Cartão postal

a Marcial Jordão.

Confrade, mestre na graça  
portuguesa, genuína,  
e vate insigne e de raça:  
Aqui tem o que se assina  
disposto para a chalaça.

Duma fresca novidade  
o pormenor hoje tenho  
que corre em toda a cidade.

(Anote no seu canhão!)

E' que a chuva, impertinente,  
os *palhinhas* elegantes  
coloca em risco iminente  
de não virem, como dantes,  
para a cabeça da gente.

Se o tempo assim continua,  
de névoas tão manifestas  
agora na época sua,  
não vemos *palhas* na rua! —

— Mas não aguum as bêstas.

João do MINHO.

## O sôr abade e as andorinhas

O sôr abade das Azenhas de Cima era uma criatura bondosa, esmoler, e duma castidade à prova do fogo de tôdas as tentações.

— «Lá isso verdade seja, — diziam em côro os seus fregueses, — nunca ali entrou pecado.

— «E' um santinho! — murmuravam as velhas beatas, — erguendo ao céu as mãos pergaminhadas.

E era realmente assim. Só com duas pessoas de saias o sôr abade convivia: a sua criada velhota e o seu sacristão, devoto fervoroso de Baco e S. Martinho.

\*  
\* \*

Pois êste sôr abade tão boa pessoa, tão temente a Deus, encarnação da virtude, da paz e da bondade, também tinha o seu defeito, a sua pecha, a sua mania: odiava de morte tôdas as aves que o criador deitou a êste mundo!

O seu rancor, vesgo e inexplicável, abrangia desde o inofensivo pardal ao saboroso frango, desde as mais pequeninas aves até às aves... truzes, que por serem de *truz*, suponho eu que são as maiores de tôdas.

Tinha a fobia da asas. Ninguém lhe falasse em melros, em perdizes, em canecas ou em cantaros!

Em sua casa, nada que tivesse asas! Nem na sua casa nem na sua igreja, único templo que se gabava de possuir um Anjo da Guarda desazado, mas que, a-pesar-disso subia ao céu e descia à terra como qualquer dos seus colegas possuidores de avides celestes.

O abade desculpava-se da profanação que tinha feito ao anjo, dizendo aos seus fregueses: — «Não tem asas, mas *ayôa*».

Era o contrário do outro que nós conhecemos...

Este ódio às aves nem o próprio padre o sabia explicar.

Era coisa do mafarrico. T'arrenego! Pois se até no fim da missa, ao dizer as «ave-marias», uma força oculta superior, o tal rancor, a tal coisa, obrigava-o a rezar: «... Maria que estais no céu, etc., etc.» E engulia a «ave», só para não falar nela!

\*  
\* \*

Um único pássaro existia, pelo qual o abade sentia um amor ardente, uma afeição desmedida: a andorinha!

Quem lhe dera a êle que as mensageiras da primavera viessem um dia fazer ninho no beiral do seu telhado!

As andorinhas! as andorinhas! Eram o seu sonho de tôdas as horas. Quando as via, deixava cair o breviário das mãos, e seguia-as com a vista, sorrindo-lhes, namorando-as, babado dum gôzo contemplativo, num êxtase de mística paixão.

Uma vez, ao regressar de noite a casa, a criada recebeu-o num alvoroço de alegria — «Sôr abade! sôr abade! entrou uma andorinha no seu quarto! Fechei tudo, e ela lá está em cima do armário grande!

O abade ia enlouquecendo de ventura e felicidade. Entrou pé-ante-pé no quarto, deitou-se às escuras para não sobressaltar a ave, e aguardou, sonhando com o paraíso, que se fizesse dia, para poder saborear a suprema alegria de ver a desejada andorinha, que, certamente, viria construir seu ninho dentro daquele quarto tão descuidado, tão simples, tão só.

\*  
\* \*

Alvorecia. A primeira claridade do dia fungou através das portas. O abade saltou da cama e abriu as janelas de par em par. A ave, estremunhada, esvoaçou num restolho de asas pelo quarto, e foi poisar na cabeceira da cama.

O padre fitou o pássaro e recuou, soltando um grito de angústia e uma blasfêmia de ódio. Não era uma andorinha. Era uma pèga!!!

Despediu a velhota, que, para se vingar, foi contar tudo ao Chico da Loja. E à tardinha toda a freguesia comentava: — «Então, já sabem? uma pèga toda a noite no quarto do sôr abade!...»

Tão grande desgosto matou o bom do sacerdote, a quem Deus, por excepção, permitiu que, mesmo sem asas, voasse para o céu onde o esperavam tôdas as andorinhas celestes.

LEIDOAR.





# COISAS DE FORA

## Boletim internacional

### Política alemã

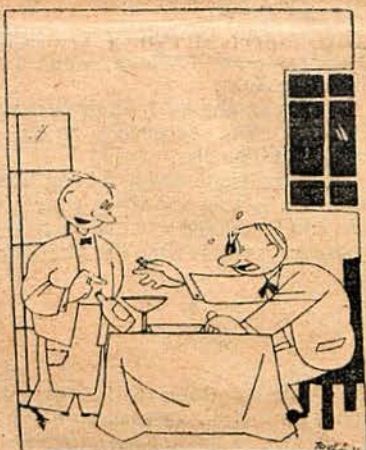
Por Berlim e arredores, vão turvos os ares. É inevitável a dissolução do Reichstag—órgão central da instrução militar preparatória, concursos nocturnos de música de câmara e albergue de filhos póstumos de todos os deputados.

Von Papen, o novo e aplaudido chanceler, numa entrevista concedida ao representante do Vaticano, confirmou esse pavoroso boato, acrescentando que o único meio de acabar com as lutas intestinas, seria a Dieta.

Mas não fica por aqui o movimento político germânico: O encerramento das Bolsas prussianas é um facto; consequentemente, os Nazis pretendem que a política externa dos descendentes dos Hohenzollern se baseie numa política interna clara, antes que o Povo gema.

A partir de Julho, efectuar-se-ão as novas eleições, e a vitória será das Direitas. Desnecessário se torna dizer

## O Neurasténico



O freguês— *Vê, Ramon, esta rôlha que eu encontrei na sopa.*

O criado— *Fun eu que la botei. Dixeram-me que vostede tinha a mania do xuxido e eu queria xalva-lo com a boia, conho!*

que a Alemanha confia, de olhos cerrados, na opinião de Herr João Von Ameal.

Lord BULL.

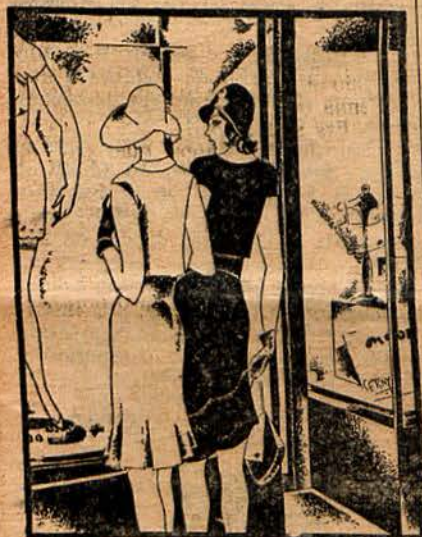
## Greves sobre greves

*Madrid, 8*—Por Espanha continuam as greves, não sendo, até hoje, possível acabar com esse formidável elemento da dissolução dos costumes.

Iniciou-se, ontem, com a assistência das autoridades civis e eclesiásticas, a Greve das Amas de primeiro leite, tendo-se organizado um luzido cortejo de amostras de alabastro e azeviche, com grande gáudio dos infantes, suavísimos mais cotados de Madrid.

Amanhã é a «vernissage» da Segunda Exposição de Biberões e outros restaurantes mecânicos infantis—(H).

## Distraída



— *Gostas de combinações?*  
— *Gosto. Ainda hoje combinei com o Alfredo uma entrevista.*

## POR ÊSSE MUNDO

### A questão maltesa

*Malta, 7*—Parece estar definitivamente liquidada a questão maltesa, talvez por isso mesmo. O conflito político-religioso, provocado por uma malta tesíssima de discólos, teve o seu fim ontem, num discurso pronunciado por lord Strickland sobre o maltusianismo católico e a emancipação do clero logo que este atinge a maioridade.

As autoridades eclesiásticas, em razão daquela atitude, retiraram as expressões,— e Malta regressou à sua antiga existência de exportadora de gatos para toda a Europa—(H).

### Crimes misteriosos

*Dublin, 6*—Continua envolto no mais profundo mistério o autor do pavoroso crime que enlutou esta ci-

## As conquistas do Ribeiro



Êle— *Gostava de ser mar para que você se afogasse nos meus braços.*  
Ela— *O que vale é que você não passa de um Ribeiro sem importância.*



## H<sup>2</sup>O

### Fragmento horrível duma tragédia póstuma

Personagens: — Ismael — Uma Fonte — Um Regato — Um Elefante — O Éco — Um Biberão — Uma Vaca — A Companhia das Águas

#### ACTO VI

*(Ao quilómetro 3214° do Deserto do Saharã, no coração do inverno. Quando o pano sobe, é noite, mas os candeeiros de iluminação pública prosseguem apagados. Ouve-se, ao longe, a sirene dum dromedário noctívago e um bando de hienas famintas passa, a caminho da Sopa Económica. — Chove. — Ismael, explorador intemerato e filho de pais incógnitos, prostrado pela sede, volta a si, depois de um delíquio de setenta-e-duas horas).*

ISMAEL

Onde estou eu? O que é que se passou? Como vim parar aqui? Vim a pé ou a cavalo? Ai de mim!

*(erguendo as mãos para a abóbada celeste:)*

O meu desespero vêde, Senhor, pois tudo isto é sede!

*(Emprega esforços completamente inauditos para se levantar; mas a sede recrudescer, queima-lhe as entranhas, frutifica-lhe o esôfago, tisona-lhe a trompa de Eustáquio e a dita de Falópio.)*

O que quer isto dizer? Meu Deus! Eu irei morrer?

*(Desfalece. As pupilas reviram-se-lhe. Impalidece. Possivelmente exausto, fecha os olhos, dorme... — Dormir? Sonhar, talvez... — E um pesadelo tenebroso começa:)*

UMA FONTE

Porque choras, Ismael? Qual a razão dessa mágua? Vá! Bebe da minha água, que ela é doce como o mel!

*(Ismael arrasta-se até à Fonte, que desaparece pela E. B.)*

UM REGATO

Cá vou correndo, correndo, sem destino... Aonde irei? Irmão: Se estais padecendo, bebei dest'água, bebei!

*(Ismael avança para o regato. Nesse instante, porém, surge um elefante, de tromba colérica.)*

O ELEFANTE

Para trás, vilão ruim! Não vês que ela é só p'ra mim?

O ECO *(de oásis em oásis)*

Im!...

ISMAEL *(num desespero trágico:)*

Sinto um nó... Um nó aqui que enorme angústia acarreta! Té parece que enguli uma mobília completa!

*(Mas o sonho horrível continua envolvendo-o nos seus tentáculos de fogo pôsto. Agora é)*

UM BIBERÃO

Três partes de água e só uma de leite de confiança... Anda beber, — porque, em suma, sou eu a última esp'rança!

*(Ismael, louco da contentamento, estende a mão diáfana para o Biberão amigo.)*

ISMAEL

O' doce linfa dum seio porventura mal lavado!

UMA VACA

Podes beber sem receio, porque é leite condensado, filtrado, esterilizado...

O ECO

Ado!...

ISMAEL

Finalmente, vou beber!

*(Mas Biberão, Vaca e Eco desaparecem inopinadamente. — Trémulo na orquestra e surge.)*

A COMPANHIA DAS ÁGUAS

A tua hora derradeira não chegou. Deves viver! Aqui tens uma torneira!

ISMAEL *(num delírio)*

E' água! Água a valer! Meu olhar já não distingue essa abóbada estrelada...

*(Penosamente abre a torneira e aguarda:)*

A TORNEIRA

Pingue! Pingue! Pingue! Pingue!...

ISMAEL *(moribundo)*

Pingue! Pingue! E não cai nada!

Falece e

CAI O PANO

Mestre GIL.

#### CARTAZ DE HOJE

*Sã da Bandeira:* O ilusionista Richiardi e o célebre imitador Derkas.

*Águia d'Ouro:* O filme de extraordinário êxito *Dois num Automóvel*.

*Olimpia:* A esplêndida comédia musicada *Amor Roubado*.

*Trindade:* O filme opereta *O Tenente do Amor*.

*Batalha:* O filme de aventuras *Fumo de Pistola*.

# É HOJE O ÚLTIMO DIA DA SEMANA DO LIVRO

---

E a MARIA RITA, querendo interessar de qualquer forma os seus amigos no grande concurso de

**“UM PAU POR UM OLHO,”**

---

que tem como prémio um esplêndido aparelho de T. S. F. da grandiosa marca

**R. C. A. (Radio Corporation of America)**

---

Oferta gentil da casa RADIO PORTO

entregará uma senha numerada, com direito de admissão ao mesmo, no seu

**STAND N.º 16 NA PRAÇA DA LIBERDADE**

a todos os portadores do presente número.

**O SORTEIO FAR-SE-Á À MEIA-NOITE DE HOJE**